

1.

DEZEMBRO · 2016

Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro!



VINHO VERDE

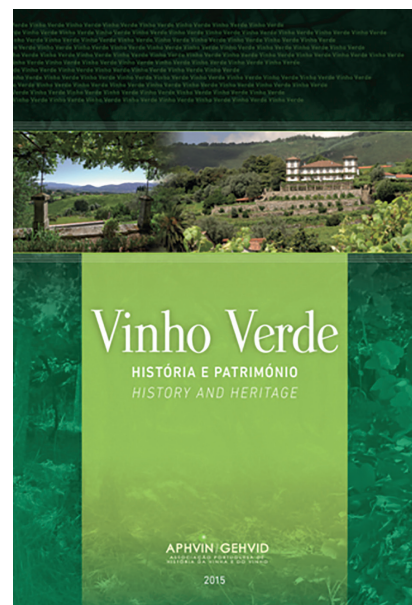
HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

HISTORY AND HERITAGE

ANTÓNIO BARROS CARDOSO ^[1]

A percepção da importância estratégica do “Vinho Verde” enquanto recurso económico nacional e da sua valorização como fonte de património histórico-cultural determinaram que, desde 2009, um grupo multidisciplinar desenvolvesse interesse pelo seu estudo, no âmbito da APHVIN/GEHVID – Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho. Alguns trabalhos, plasmaram nas atas do 1º e

2º Congressos Internacionais sobre o Vinho Verde, realizados, em 2007 e 2012. O projeto editorial na forma de revista com o título *Vinho Verde – História e Património – History and Heritage*, insere-se na continuidade de tais estudos que congregam também os contributos do interesse pelas problemáticas do noroeste peninsular, em vários domínios para além da História, como Economia, Património, Sociologia, Viticultura e Turismo. Vejamos, em resumo, os resultados alcançados neste primeiro número da revista *Vinho Verde*:



É conhecida a importância do Mosteiro de Paço de Sousa no contexto do desenvolvimento agrário da atual sub-região vinícola do vale do Sousa, bem como o seu papel no incremento da cultura da vinha na Idade Média.^[2] Por isso, remontando às origens mais remotas do cenóbio do vale do Sousa, indagou-se sobre os contornos geográficos do espaço dominial do mosteiro, arrumado, maioritariamente, em casais e igrejas, e algumas *villae*, ou outras unidades agrícolas. Conhecem-se agora melhor as infraestruturas de produção que possuiu, assentes sobretudo nas produções dos cereais e do vinho, culturas mencionadas desde o século XI.^[3]

Neste primeiro número da revista *Vinho Verde*, publicam-se igualmente notícias sobre a importância da presença cisterciense em Portugal e do seu papel na cultura vinícola nacional, a partir do “balão de ensaio” que foi o mosteiro Alcobaça, com reflexos nítidos na viticultura portuguesa do século XVIII.^[4]

O contributo dos monges beneditinos para o fomento da viticultura na Região dos Vinhos Verdes, ao longo da Época

[2] PEREIRA, ISAIAS DA ROSA – A VINHA E O VINHO EM DOCUMENTOS MEDIEVAIS, IN “O VINHO NA HISTÓRIA PORTUGUESA, SÉCULOS XII-XIX”, PORTO, FUNDAÇÃO ENG.º ANTÓNIO DE ALMEIDA, 1983, P. 15.

[3] LOPES, FILIPA DA SILVA – A VINHA E O VINHO NO CONTEXTO MONÁSTICO: O CASO DE PAÇO DE SOUSA NOS SÉCULOS XI E XII. 1787 IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 45-56.

[4] MADURO, VALÉRIO - AS ARTES E AS TÉCNICAS NA PRODUÇÃO DOS VINHOS CISTERCIENSES DE ALCOBAÇA, UMA ABORDAGEM EM TORNO DO INQUÉRITO AGRÍCOLA DA REAL ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA DE 1787 IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 38-44.

[5] MARQUES, GONÇALO MAIA - O CONTRIBUTO DOS MONGES NEGROS BENEDITINOS NA QUALIFICAÇÃO DO VINHO VERDE IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 57-62.

[6] MOTA, SALVADOR MAGALHÃES - AS RENDAS EM VINHO NO MOSTEIRO DE STA. MARIA DE BOURO (AMARES) 1655-1775: OBSERVAÇÕES E COMPORTAMENTOS IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 155-165.

Moderna, foi assunto obrigatório, abordado como epílogo de uma tese de doutoramento defendida, em 2011, na Universidade do Porto.^[5]

Sem sairmos do quadro monástico, uma referência ao trabalho desenvolvido sobre fontes como o *Livro do Mostrador, Folhas do Real Mosteiro de Bouro, Livros das Obras, o livro da balsaria* do Mosteiro de Bouro entre outras, que sustentaram um estudo sobre a dinâmica das compras, vendas e encargos do Mosteiro de Sta. Maria de Bouro, desde 1678 a 1831. Nele se analisa o património deste cenóbio, no qual se entrevista também a importância do vinho em Terras do Bouro.^[6]

A cidade da foz do Lima – Viana do Castelo – é relevada enquanto porta de saída para o mundo dos Vinhos Verdes de toda a Ribeira Lima, de Monção e de Melgaço. De resto, estes vinhos tornarem-se conhecidos, por isso, como “vinhos de Viana”. Cedo despertaram o interesse de certos grupos sociais na cidade do Porto, ao longo da primeira metade do século XVIII. Destacaram-se, entre eles, os estrangeiros de nacionalidade britânica, já

que, 74,5% do negócio estava nas suas mãos. Apenas 23,6% dos negócios com Vinho Verde era feito por nacionais, cabendo, cerca de 2%, a outras comunidades mercantis estrangeiras. Igualmente se dá a conhecer o papel, no comércio de Vinhos Verdes, dos exportadores para o mercado brasileiro, no decurso da primeira metade do século XVIII. A par, demonstra-se como tais vinhos chegaram à capital do norte de Portugal e eram consumidos nas tabernas da cidade do Porto, que deles não prescindiam.^[71]

O significado vitivinícola do Vale do Lima assume relevo no contexto da Região Demarcada dos Vinhos Verdes. As tabernas de Ponte de Lima e a forma da sua gestão aparecem estudadas nas páginas deste número da revista Vinho Verde, perscrutando o papel das mulheres na venda de vinhos, atividade exposta em fontes como os livros de atas de Vendas da edilidade limiana, dos inícios do século XVIII.^[81]

O afã produtivo e comercial dos lavradores de Ponte da Barca, é analisado através das Memórias Paroquiais de 1758, autêntica “radiografia” do Portugal

[71] CARDOSO, ANTÓNIO BARROS – OS VINHOS VERDES E A BARRA DE VIANA DO LIMA, (SÉC. XVIII) IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 23-35.

[81] ARAÚJO, JORGE F. PEREIRA DE ARAÚJO - VENDEIRAS E ESTALAJADEIRAS: AS MULHERES DO VINHO EM PONTE DE LIMA NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 75-80.

[91] MARQUES, MARTA MIRANDA – PÃO E VINHO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE PONTE DA BARCA IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 81-94.

setecentista, fonte olhada por variadíssimos prismas que, neste caso, permitiu apresentar as preferências dos lavradores daquele concelho. Caracterizar também a dieta regional da época e, conjugando produções e distribuição geográfica dos edifícios de conservação cerealífera, ensaiar estudos de crescimento demográfico com as várias conjunturas do século XVIII. Mas, Ponte da Barca foi, e é, área de vinhedos e, por isso, emergem neste estudo ainda as castas da Ribeira Lima usadas à época.^[91]

O vinho era fonte importante de rendimento e, as Memórias Paroquiais de Ponte de Lima (1758) dão disso nota, como confirmam as expressões nelas contidas, cotejadas nas páginas deste primeiro número da revista Vinho Verde: «vinho mediano, o vinho pela sua generosidade é capaz de todo o embarque...o fruto mais abundante é o vinho tinto e algum branco, este suficiente... o fruto de maior abundância é o vinho verde, mas bom ... vinhos – que fazem falar os homens ainda que sejam sós», são demonstrativas da mais-valia dos Vinhos Verdes no concelho de Ponte de Lima nesse tempo.

Tipos de vinha, sistemas de condução da videira, contribuem para se perceber melhor a paisagem agrária do concelho, face à alusão a outras culturas, respaldando por vezes notícias sobre a fauna e a flora locais.^[10]

As fontes literárias são objeto de leituras díspares. Nessa variedade interpretativa, está também a sua grande valia. Por isso, não foram excluídas, por servirem de suporte a estudos sérios, sobretudo quando cruzadas com registos arquivísticos que permitem validar análises interpretativas que, de outro modo, seriam difíceis de alcançar com a objetividade pretendida. Assim foi traçada uma análise entre vinho e poder em Cabeceiras de Basto, no século XVII. O vinho turva a razão dos homens e por isso, nas vésperas das eleições era oferecido em abundância aos votantes. Ao que tudo indica «o vinho de enforcado de Basto demonstrara essa singular virtude de mudar a vontade política dos homens», o que acontecia desde o Antigo regime «enquanto alimento, instrumento de fraternização, bem transacionável e meio de pressão e aliciamento».^[11]

[10] SILVA, FRANCISCO RIBEIRO DA - VINHA, PAISAGEM E ECONOMIA DO CONCELHO DE PONTE DE LIMA IN "VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 103-110.

[11] TAVARES, PEDRO VILAS BOAS - VINHO E ELEIÇÕES EM BASTO. VICISSITUDES DE UM BINÓMIO (DO ANTIGO REGIME AO LIBERALISMO) IN "VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 95-104.

[12] OLIVEIRA, JOSÉ ANTÓNIO OLIVEIRA ENQUADRA - O PREÇO DO VINHO E DOUTROS PRODUTOS ALIMENTARES DURANTE O CERCO DO PORTO (1832-1833) IN "VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 141-154.

[13] RODRIGUES, HENRIQUE – PRODUÇÃO AGRÍCOLA OITOCENTISTA EM TERRAS DE VINHO VERDE IN "VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 111-140.

“
O vinho turva
a razão dos
homens e
por isso, nas
vésperas das
eleições era
oferecido em
abundância
aos votantes.
”

Os fatores de ordem político-militar, refletem-se quase sempre de forma dramática na vida das populações. Tomando o período conjuntural da guerra civil que opôs partidários de D. Pedro IV e seguidores de D. Miguel, sintetiza-se o quadro resultante de carência de bens alimentares e de primeira necessidade, entre 1833 e 1836, no Porto. Aferiu-se, simultaneamente, a evolução dos preços de produtos alimentares e de, entre eles, os do vinho que era vendido aos habitantes da cidade.^[12]

A história serial alimenta-se sobretudo de conjuntos sequentes de informação estatística. Por isso, deu-se relevo aos dados que o arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo proporciona e que versam sobre a sua vasta área de influência. Lá estão as produções do Alto Minho, da batata ao azeite, passando pelos citrinos, nozes, avelãs, amêndoas e outros frutos que a terra dá e, claro está o vinho. Preciosa fonte histórica, subsidiária de novas análises sobre as problemáticas rurais desta importante área do país, são os quadros que se inserem neste trabalho e que abrangem os anos de 1835 a 1883.^[13]



Novidade inusitada para alguns, surge igualmente na confirmação de que, nos concelhos da região do Douro se produzem Vinhos Verdes, para lá dos maduros que deram nome à região vinhateira, demarcada e regulamentada, mais antiga do mundo. Brancos, tintos e de categorias diversas, aí se produziram também Vinhos Verdes. Rumaram igualmente a mercados externos e, se dúvidas houvesse, este número da revista, esclarece o comprometimento de algumas das grandes firmas de Vinho do Porto na comercialização local e exportação dos Vinhos Verdes, destacando o papel da Casa Ramos Pinto, que também os conduziu ao Brasil. Esta dualidade Douro – Vinho Verde, está igualmente patente na iconografia ilustrativa da promoção destes vinhos, que mistura trajes típicos da região minhota com adereços claramente pertença da iconografia dos Vinhos do Porto.^[14]

Mais na vertente dos estudos sobre patrimónios vitivinícolas na Região dos Vinhos Verdes destacamos ainda um estudo sobre uma lagareta, em uso no século XIX por terras de Ponte de Lima. São

[14] GUIMARÃES, J. A. GONÇALVES, ALMEIDA, GRAÇA - A COMERCIALIZAÇÃO DE VINHO VERDE POR EMPRESAS DE VINHO DO PORTO: O CASO DA CASA RAMOS PINTO IN "VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 63-74.

[15] REIS, ANTÓNIO MATOS - UMA LAGARETA AO AR LIVRE, AINDA EM USO NO SÉCULO XIX IN "VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 169-174.

[16] ARAÚJO, HENRIQUE LUÍS GOMES DE, MENEZES, FRANCISCO CALHEIROS E - ALIANÇAS E ESTRATÉGIAS DE GESTÃO E DE SUCESSÃO EM EMPRESAS FAMILIARES VITIVINÍCOLAS: O CASO DO PAÇO DE CALHEIROS IN "VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 175-183.

evidenciadas várias peças rudimentares, registadas fotograficamente, encontradas na freguesia de Fornelos e ligadas à produção vinícola. Lagareta rústica, que o autor analisou em relação com outros objetos encontrados no lugar, nomeadamente uma pia de pedra, levantando a hipótese de se tratar de recetáculo para recolha do vinho obtido na prensagem das uvas.^[15]

A transmissão de patrimónios familiares enquanto fator de preservação da sua integridade histórica e cultural, é assunto que tem merecido a atenção de alguns investigadores da APHVIN/GEHVID e assume preocupação maior por parte dos seus detentores. No concelho de Ponte de Lima, o Paço de Calheiros, serviu de base a uma reflexão que poderá funcionar como exemplo modelar a outros casos. A questão da empresarialização de tais bens culturais, como forma de melhor apresentarem a sua atividade presente, de forma sustentada, deu o mote a um artigo cuja leitura vivamente recomendamos.^[16]

Já no âmbito da sociologia, através do recurso à História Oral, área a que a revis-

ta Vinho Verde pretende continuar a dar importância significativa, observaram-se motivações, estratégias e comportamentos dos atores sociais de uma pequena comunidade minhota, marcados pela vida tradicional e da forma como reagiram às situações e oportunidades transformadoras emergentes nos anos oitenta, do século XX.^[17] A taberna, enquanto espaço de sociabilidade, em vias de extinção, ficou no caso das cidades do Porto e Gaia, referenciado pelo estudo de cinco exemplos deste tipo de estabelecimentos. A prática de consumo vínico adquire centralidade e conclui-se que a taberna é o lugar onde se desenvolvem interações sociais, rituais, costumes e tradições ligadas à bebida, como estratégia de reforçar, consolidar e criar novos laços que se relacionam com o espaço e a representação social.^[18] Completa o conjunto de artigos de matriz analítica, mais na perspectiva sociológica, uma comparação entre o que se partilha no Dão, no Douro e no Minho, em torno do consumo de “um copo de vinho”. Prevalece a metodologia da entrevista como forma de atingir os quadros de relações que se tecem em tor-

[17] CARDOSO, ANTÓNIO - DA POLICULTURA À PLURIACTIVIDADE: RECURSOS E DESENVOLVIMENTO RURAL NUMA ALDEIA MINIFUNDIÁRIA DO MINHO (1960-2011) IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 187-202.

[18] MAGALHÃES, DULCE M. - TABERNAS, VINHOS E CONVÍVIOS - PARTILHAS SOCIABILITÁRIAS EM CONTEXTOS SEMIPÚBLICOS PORTUENSES IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 203-215.

[19] SIMÕES - JOSÉ MARQUES SIMÕES APRESENTA - O PAPEL DO VINHO (VERDE) NA CONSTRUÇÃO DO “TODO SOCIAL” DAS POPULAÇÕES ENTRE O DOURO E MINHO IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 217-224.

[20] SCALABRELLI, GIANCARLO, D'ONOFRIO, CLÁUDIO, FAUSTO, CLAUDIA, DUCCI, ELIANORA - EXPLOITATION THE LOCAL GRAPEVINE GERMPLASM AS NA OPPORTUNITY FOR THE FUTURE VITICULTURE IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 227-240.

no do vinho, em tabernas, transmitidos geracionalmente.^[19]

A revista Vinho Verde está igualmente vocacionada para acolher artigos de índole mais técnica e de investigadores de universidades estrangeiras que trabalhem sobre regiões vinhateiras, cuja experiência possa ser útil, de alguma forma, quer em estudos fundamentais sobre diversas matérias, quer de estudos comparativos. Desta vez acolheu um projeto de salvaguarda de castas da Toscana que visa a preservação da biodiversidade naquela região vinhateira italiana. Nele se alude ao recurso às novas tecnologias para conseguir essa finalidade, concluindo-se que, de acordo com a área de identificação, foram encontrados genótipos que apresentam uma grande variabilidade de características fenológicas, morfológicas e qualitativas, que sugerem a possibilidade de serem úteis para a viticultura.^[20]

Os estudos sobre castas identitárias das regiões vitivinícolas apaixonam os especialistas da viticultura de todo o mundo. Na região dos Vinhos Verdes não é diferente. Este primeiro número da revista dá nota

disso mesmo. A proliferação de castas iguais, mas que aparecem com nomes diferentes noutras regiões, implica que melhor se identifiquem e se adote uma denominação autóctone, partindo do conhecimento da origem dos nomes das castas, para melhor se compreenderem sinónimos de valor histórico na Região dos Vinhos Verdes.^[21]

As mais recentes experiências técnicas, sobre como implantar a vinha neste território, por forma a rendibilizar recursos, potenciar produções, reduzir custos e não afetar o meio ambiente, plasmaram igualmente nas páginas da revista Vinho Verde. Merece referência um estudo sobre a utilização de coberturas de plástico (mulck), para melhor controlo de infestantes, aumento da temperatura do solo, melhoria da atividade do sistema radicular, manutenção da humidade e melhoria da estrutura do solo. Alude-se igualmente às desvantagens da sua utilização e dos impactos ambientais. O ensaio apresentado reporta-se à Quinta de Lourosa, em Lousada, e comparam-se resultados obtidos com o tradicional solo nu. Os autores concluíram que os tubos

[21] MOTA, MARIA TERESA DA FONSECA OLIVEIRA – CONTRIBUTO SOBRE A ORIGEM DE ALGUNS NOMES DE CASTAS DA DOC VINHO VERDE IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 241-247.

[22] CASTRO, ROGÉRIO DE, CRUZ, AMÂNDIO, RODRIGUES, CARLOS, CORREIA, JORGE, COSTA, RICARDO, GUERREIRO, MIGUEL, CASTRO, JOANA – ALTERNATIVAS DE PLANTAÇÃO DA VINHA NA REGIÃO VINHOS VERDES: TUBOS PROTECTORES, AGROBIOFILM OU SOLO NU IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 249-255.

de proteção de *polímero* se revelaram eficazes no combate a infestantes e que as modalidades de *agrobiofilm* originaram mais desenvolvimento das videiras, permitindo maior capacidade produtiva e sequentemente mostos de mais elevada qualidade.^[22]

A cor do vinho no Entre-Douro-e-Minho serviu de pretexto para uma incursão histórica, perspetivada por um enólogo, para falar das origens do vinho, em tempos anteriores à fundação de Portugal. Os modos de vinificar de bica aberta que origina um líquido menos carregado na cor, mais rosado, mesmo sendo feito com uvas tintas, coexistiu com o mais retinto, obtido de curtimenta, de cor próxima do vermelho. O autor aponta como dominante no Entre-Douro-e-Minho, o vinho vermelho (de mistura) e, eventualmente, as castas brancas e não tintas igualmente predominantes. Apenas o vinho clarete, produzido sem mistura, teria mais castas tintas. O vinho branco era sinónimo de elite e desde tempos medievos usado momentos cerimoniais e nas celebrações eucarísticas. O «triumfo do tinto» ocorre no século XX, com o “vinhão da malga”

transformado em ícone da região vitícola dos Vinhos Verdes. Estabelece depois uma relação entre a produção de vinhos verdes ou maduros na região e a forma de condução da videira: o verde, vinho de enforcado, enquanto o maduro era produzido em latadas e em cepas. Remata, explicando que o predomínio das castas tintas na Região dos Verdes se devia, em parte, à sua elevada produtividade, cujas técnicas de vinificação, com período de curtimento reduzido, que proporcionava tintos pouco alcoólicos, mais ácidos, ou verdascos e claretes, abertos de cor.^[23]

O enoturismo e o turismo em regiões vitícolas tem assumido, nos últimos anos, uma expressão que não poderia estar ausente das páginas deste primeiro número da revista Vinho Verde. Por isso, nela se deu a conhecer o que se passa na antiga colônia do Brasil. Aí, em certas regiões, a par do desenvolvimento da viticultura, tem crescido o interesse pelo enoturismo. Vinho, gastronomia local e indústria do lazer, têm dado origem a novas rotas turísticas. O Roteiro do Vinho Nordestino integra já oito municípios de Pernambuco e da Bahia, numa área de 34 mil km²,

[23] LOUREIRO, VERGÍLIO - *A COR DO VINHO NO ENTRE-DOURO-E-MINHO* IN "VINHO VERDE - HISTÓRIA E PATRIMÓNIO - HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 257-281.

[24] LEITE, MÁRCIO GUIMARÃES, ARAÚJO, DOMIRA FERNANDES DE - *O POTENCIAL DO ENOTURISMO - TURISMO DO VINHO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL - VALE DO SÃO FRANCISCO BAHIA/PERNAMBUCO - BRASIL*. IN "VINHO VERDE - HISTÓRIA E PATRIMÓNIO - HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 257-281.

[25] DAMÁSIO, MANUEL CASTRO - *A REGIÃO DO VINHO VERDE, OS SOLARES, AS QUINTAS E O TURISMO NO ESPAÇO RURAL* IN "VINHO VERDE - HISTÓRIA E PATRIMÓNIO - HISTORY AND HERITAGE". PORTO: APHVIN/GEHVID - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 291-300.

incorpora salas de degustação, lojas de produtos associados ao vinho e visitas aos vinhedos, enquanto atrativos turísticos que potenciam a "cultura do vinho" naquelas terras.^[24]

Já entre nós, seguindo uma abordagem à enologia dos Vinhos Verdes, realçou-se também a importância do potencial de exportação destes vinhos, por serem frescos, gaseificados, apresentarem baixo teor alcoólico e calórico. Estes fatores combinam com a paisagem vitícola das diversas rotas dos Vinhos Verdes. Potenciam o enoturismo como o turismo de espaço rural. Emerge neste quadro o património existente na região produtora, que incorpora casas senhoriais, solares, paços, conventos, palácios e torres medievais, lugares onde a vinha ganhou raízes ancestrais^[25] o que proporciona a combinação do Turismo Vínico e Turismo no Espaço Rural.

Mas, a Associação Portuguesa de História da Vinha e do Vinho, nasceu e mantém-se como um centro de investigação fundamental pluridisciplinar, no âmbito da História da Vinha e do Vinho. Por isso, cumpre-nos referenciar aqui que a

revista Vinho Verde, neste número, deu relevo à metodologia usada na investigação na área do turismo em espaço rural. A *Grounded Theory*, abordada de forma breve no presente número, foi aplicada a uma tese de doutoramento, elaborada por José Luís Braga, e classificada com nota máxima e distinção, na Universidade de Santiago de Compostela, onde foi defendida sob o título “Refuncionalizando a Casa Solarenga”. O ensaio presente no seu contributo para este primeiro exemplar da revista Vinho Verde, aplicado, acabou por produzir um trabalho que reveste o maior interesse para a comunidade científica e sobretudo para os diversos agentes económicos a operar no setor do turismo.^[26]

[26] BRAGA, JOSÉ LUÍS BRAGA E SCOTT, HELENA SCOTT - *TURISMO DE HABITAÇÃO: UMA TEORIA FUNDAMENTADA* IN “VINHO VERDE – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO – HISTORY AND HERITAGE”. PORTO: APHVIN/GEHVID – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA DA VINHA E DO VINHO, P. 285-290.

“
seguindo uma abordagem à enologia dos Vinhos Verdes, realçou-se também a importância do potencial de exportação destes vinho, por serem frescos, gaseificados, apresentarem baixo teor alcoólico e calórico
”